

material
educativo
Lorenzato:
120 anos
de um
artista
e franco
atirador

Centro Cultural Usiminas
Galeria Hideo Kobayashi
19 fev — 02 mai
2020



material
educativo
Lorenzato:
120 anos
de um
artista
e franco
atirador

Centro Cultural Usiminas
Galeria Hideo Kobayashi
19 fev — 02 mai
2020

Amadeo Luciano Lorenzato
Tintor autodidato
Francisco Atirador

Não tem escola

Não segue tendências

Não pertence a igrejinhas

Tudo conforme se dá na talha

1948

Amadeo



SEM TÍTULO

Desenho gravado sobre
placa de cimento

43 x 35,5 cm

s/ data



Esse material foi criado pelo núcleo criativo Malacaxeta com o intuito de auxiliar o professor a capacitar e criar reverberações com sua turma a partir da visita à exposição “Lorenzato, 120 anos de um Franco Atirador”.

O material foi idealizado pensando em imersões que possibilitem aos estudantes compreenderem e praticarem atividades artísticas inspiradas na pesquisa do artista, que confluem, ainda, com etapas importantes do desenvolvimento de suas cognições e motricidades, de acordo com suas faixas etárias.

Imaginamos um incrível encontro entre o fazer artístico do artista, que em seu tempo era considerado “Naïf”, ao fazer artístico das crianças: fluído e sem grandes preocupações em se adequar à padrões artísticos eruditos e canonizados.

Este material é composto por:

uma sequência de **sugestões de práticas** que podem ser realizadas dentro e fora da sala de aula. Essas práticas se desdobram nos eixos:

POÉTICA: Nesse eixo a intenção é mergulhar na poética das obras, criando atravessamentos entre a vida, sentimentos e percepção dos estudantes.

PRÁTICA/TÉCNICA: Nesse eixo a intenção é investigar e reconhecer os aspectos técnicos e formais das obras, criando possibilidades de experimentação, investigação e prática dos estudantes.

um **glossário**, com palavras-chave da pesquisa, e uma **linha do tempo** sobre a vida e obra do artista.

Práticas para criar, investigar e reverberar na escola

CENAS DO COTIDIANO A VIDA É ARTE!



REGISTROS POÉTICOS DO COTIDIANO

Lorenzato retirava de seu dia a dia registros poéticos do cotidiano, entre paisagens, naturezas mortas e retratos. Instigar os alunos a valorizarem seus trajetos diários pode ser uma prática que dialoga com o processo criativo do artista. É possível provocá-los a trabalhar com esses registros, onde eles podem desenhar, escrever ou relatar a um colega ou mesmo ao grupo sobre essas cenas. Um diário de bordo,



SEM TÍTULO

Desenho gravado sobre
placa de cimento

43 x 35,5 cm

s/ data

onde eles introduzem, semanalmente esses registros pode ser um processo poético potente, que os ativa a valorizar as pequenas e corriqueiras situações do cotidiano de suas vidas. Explorando sempre, as práticas que mais se familiarizam como o desenho, a pintura, a escrita ou mesmo a fotografia e o vídeo.

Faixa etária sugerida: de 6 a 10 anos, fotografia e vídeo acima de 11 anos.

RETRATOS



Realizar retratos é uma prática antiga da pintura. Os pintores faziam retratos para registrar famílias, reis e pessoas importantes de uma sociedade, com o advento da fotografia a realização de retratos deixou de ser algo exclusivo da pintura. Na exposição temos uma série de retratos realizados pelo artista. Mostrar imagens e explicar aos alunos sobre a importância do retrato como registro poético que se modificou ao longo dos anos na história da arte é importante para contextualizar. Abaixo inserimos referências de artistas que utilizaram esse tema em épocas distintas.

Artistas que tem a realização do retrato como prática artística: Jan van Eyck; Piero della Francesca; Ticiano; Caravaggio; Peter Paul Rubens; Rembrandt; Édouard Manet; Edgar Degas; Guignard; Flávio de Carvalho; Iberê Camargo; Chichico Alkimin; August Sander; Cindy Sherman; Rosângela Rennó; Zanele Muholi; Armando Sobral; Ernesto Bonato; Éder Oliveira; Fábio Baroli e Desali.

Após conversarem e observarem as diferentes manifestações desse tema, pode-se propor muitas práticas como:

RETRATOS AFETIVOS

Realizar retratos de pessoas da família, da escola ou de seu cotidiano. Ressaltando sempre o caráter único do retrato. Se os alunos forem utilizar câmeras de celular por exemplo, podem focar em realizar o registro em uma única foto, calculada cuidadosamente para registrar as feições do retratado, como que em um estúdio. Se optarem pelo desenho ou pintura alguns exercícios para soltar o traço podem ser estimulantes, como desenhar sem olhar para o papel, fazer riscos, elipses e círculos soltos, não utilizar borracha e trabalhar com lápis duro ou coloridos.

Faixa etária sugerida: de 10 a 16 anos

RETRATOS DE MEMÓRIA

Imaginar uma pessoa que gostaria de retratar, lembrando os detalhes de seu rosto, como que para um retrato falado. Escreva sobre esse rosto. Tente

o representar com desenho ou pintura, ressaltando os detalhes que em sua memória são os mais marcantes.

Faixa etária sugerida: de 10 a 16 anos

RETRATOS SOCIAIS

O retrato pode ser um registro interessante para registrar a personalidade de alguém ou mesmo a realidade social de um grupo. Busque um tema que seja interessante para registrar retratos. Pessoas de sua família, de uma profissão específica ou mesmo com outras características que possa as identificar como grupo.

Faixa etária sugerida: acima de 10 anos



Zanele Muholi

As fotos de Faces e fases, série que já ultrapassa 250 imagens. Um de seus objetivos é chamar a atenção para a distância entre os méritos da Constituição sul-africana, que reconhece o casamento homossexual, e a situação real em muitas comunidades nas quais os homossexuais, principalmente as lésbicas, são alvo de crimes de ódio.

Zanele Muholi (1972) é fotógrafa e ativista visual sul-africana. É professora honorária da Universidade de Artes de Bremen, na Alemanha.

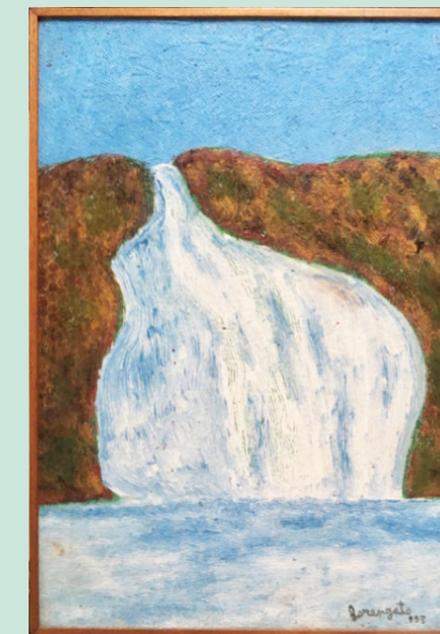
Fonte: Revista Zum nº 11

RETRATOS SONOROS

Áudio descritivo sobre retratos, sugerindo que se gravem áudios com o celular onde cada aluno gravará um retrato falado de um colega, sem dizer o nome dele. Os áudios podem ser escutados pela turma, e todos podem tentar adivinhar de quem se trata, ou podem ser inseridos em uma espécie de instalação.

Faixa etária sugerida: de 10 a 16 anos

NATUREZA



SÍNTESE DA PAISAGEM

A observação da natureza e seu registro também são marcantes na pesquisa do artista. Podemos observar uma síntese interessante em seus registros, onde as cores de uma paisagem são inseridas como em blocos, com camadas e texturas diferentes. Registros de paisagens com síntese de cores por blocos, tal qual o artista fazia podem ser

interessantes exercícios para os alunos não fixarem sua atenção perspectiva, e sim na cor e textura dos elementos de uma paisagem. Esse exercício pode ser realizado tanto diante de vistas da escola, como da janela de casa ou mesmo tendo fotografias como referência.

Faixa etária sugerida: acima de 6 anos

ABSTRATOS



Realizar desenhos ou pinturas abstratas são práticas que podem auxiliar os alunos a compreenderem noções entre o figurativo e abstrato, e assim potencializarem seus desenhos marcando, gestualmente papéis com diferentes tamanhos. É importante mostrar imagens com exemplos do que é figurativo e do que é abstrato a partir de imagens e contextos da história da arte.

SOBREPOSIÇÃO DE CONTORNOS CORPORAIS

Corte um papel craft grande, do tamanho das crianças, peça a elas que se deitem nele, uma por vez, a cada vez uma delas fará um contorno de seus corpos. Uns sobrepostos aos outros, sem necessidade de estarem sempre na mesma posição, inclusive os incentivar a mudarem de posição é ótimo, assim teremos muitas formas sobrepostas. Após todos fazerem essa sobreposição (para turmas maiores grupos de 5 alunos separados por folha auxilia a organização), eles podem preencher as formas colorindo ou pintado áreas cujas formas acham interessantes.

Faixa etária sugerida: de 5 a 7 anos

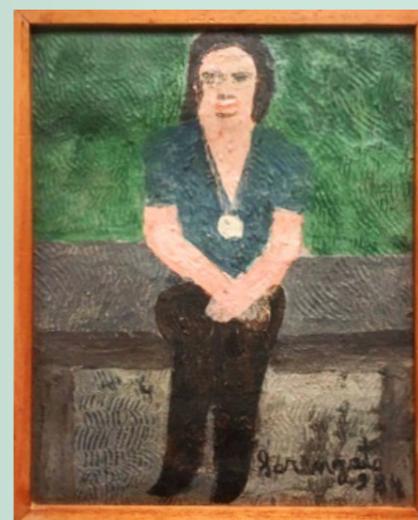
DESENHO CEGO DE OBJETOS SOBREPOSTOS

Para essa ação estruturar a sala em forma de roda, de maneira que no centro da roda se posicione um ou mais objetos. Assim a cada momento os alunos fazem um desenho de observação de um dos objetos que escolher ou que for inserido nessa mesa. Sempre utilizando a mesma folha, onde desenhará os outros objetos. Sempre sem olhar para o papel, olhando somente para os objetos e utilizando um lápis da mesma cor (o mesmo lápis). Quanto mais objetos desenharem mais se surpreenderão com o resultado, já que os gestos no desenho serão de inúmeras formas irreconhecíveis, presentes na folha.

Faixa etária sugerida: de 9 a 11 anos

PRÁTICA TÉCNICA

TEXTURA



Lorenzato inseria texturas em suas obras com o auxílio de um pente. Crianças muito pequenas nem sempre sabem exatamente o que é uma textura, para isso realizar frotagens pode ser um exercício mágico para elas!

FROTAGEM

Para essa ação é necessário desenhar numa folha de papel sob superfícies

texturadas. Utilizando o giz de cera deitado se obtêm resultados inusitados.

Para sensibilizar os alunos sobre o que é textura uma ação com o tato pode ser muito cinestésica. Vendar a turma, com todos sentados em roda, e distribuir objetos com diferentes texturas como buchas, papéis, cerâmica, palha de aço, geleias entre outros...

Faixa etária sugerida: de 3 a 6 anos

DESENHO



DESENHO USANDO ESPELHO OU ACRÍLICO

Utilizar acrílicos ou espelhos pode ser uma prática interessante para auxiliar os processos. O acrílico pode ser em tamanho A3. Nele, é possível desenhar com objetos, rostos ou texturas no fundo. A síntese e a forma podem ser exploradas de maneira poética e delicada, onde o contorno é quase como copiado da transparência. Para utilizar o acrílico mais de uma vez, canetinhas que podem ser

apagadas com álcool em gel são ótimas alternativas. Sobrepor desenhos de várias pessoas também pode trazer um efeito interessante!

Faixa etária sugerida: acima de 10 anos

SÍNTESE FORMAL



SÍNTESE FORMAL

Um aspecto visual importante da obra de Lorenzato é a síntese formal. Em seus trabalhos podemos observar uma representação com pouca preocupação com definições formais como o uso de perspectiva e profundidade e com isso é notável amostras de blocos de cores e texturas em seu trabalho. Um exercício que pode estimular os estudantes a praticarem essa síntese é a realização de desenhos ou pinturas que busquem representar somente as formas e cores dos espaços que eles estão visualizando. A atividade pode ser feita inicialmente com um esboço que demarque as formas e cores da cena escolhida, e a partir desse esboço podem iniciar o trabalho

final em uma tela ou outro material adequado para pintura ou desenho.

Faixa etária sugerida: acima de 10 anos

OUTROS

MAPA AFETIVO COM CARTOGRAFIAS POÉTICAS DO ESPAÇO — LIVRO DE ARTISTA!

As caminhadas pela cidade de BH e mesmo pela Europa, no período em que lá esteve, foram marcantes na prática artística de Lorenzato. Aqui sugerimos que os estudantes realizem registros poéticos de seus trajetos diários, da casa para escola entre outras atividades que realizam em seu cotidiano. Os mapas podem ser feitos com folhas grandes e seus limites não precisam necessariamente ser com desenhos. Um compilado de muitas das práticas que sugerimos nesse material pode ser realizado com frotagens, desenhos, fotografias, áudios, vídeos, pinturas... Como que um inventário cartografado de situações interessantes, bonitas, engraças que viram, viveram ou que despertaram a curiosidade deles. Imaginamos que esse mapa pode ser construído com calma, em casa ou em muitas aulas, a fim de ser um apanhado de muitas situações acumuladas com o tempo.

Faixa etária sugerida: acima de 7 anos

Bibliografia

DRUMMOND, Marconi. Lorenzato: Simples Singular. Belo Horizonte: Galeria de Arte do Minas Tênis Clube.

CARRILHO, Ulisses. Nenhum Museu a Menos. Rio de Janeiro: Parque Lage, 2019

Tamires Bastos Lopez. O público Infantil no Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil p. 79

ARTE Naïf. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5357/arte-naif>>. Acesso em: 16 de Fev. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

JIMÉNEZ, Ariel. Carlos Cruz-Díez conversa com Ariel Jiménez. São Paulo: Cosac Naïfy, 2014.

GAGE, John. A cor na arte. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Glossário, para orientar e sugerir caminhos

RETRATO

" Representação de uma figura individual ou de um grupo, elaborada a partir de modelo vivo, documentos, fotografias, ou com o auxílio da memória, o retrato (do latim retrahere, copiar) em seu sentido primeiro ligado à ideia de mimese. Por essa razão, foi muito utilizado nas academias e escolas de arte para o aprendizado do ofício e domínio da técnica. Na pintura, o retrato se afirma como gênero autônomo no século XIV, após ter sido utilizado no Egito, no mundo grego e na sociedade romana, com finalidades diversas: comemorativa, religiosa, funerária etc. Giovanni, o Bom (1360), pertencente ao Museu do Louvre, é considerado um dos primeiros retratos pintados de que se tem notícia. A partir daí, o retrato passa a ocupar lugar destacado na arte Europeia, atravessando diferentes escolas e estilos artísticos. A produção de autorretratos segue o desenvolvimento do gênero, desde o início, constituindo um filão fartamente explorado por artistas de todas as épocas. "

Fonte: RETRATO . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo364/retrato>>. Acesso em: 22 de Fev. 2020. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7



ECLIPSE

Pintura, óleo sobre madeira

42,5 x 31,6 cm

1980

Lorenzato 1980

ECLIPSE

ABSTRACIONISMO

" Em sentido amplo, abstracionismo refere-se às formas de arte não regidas pela figuração e pela imitação do mundo. Em acepção específica, o termo liga-se às vanguardas europeias das décadas de 1910 e 1920, que recusam a representação ilusionista da natureza. A decomposição da figura, a simplificação da forma, os novos usos da cor, o descarte da perspectiva e das técnicas de modelagem e a rejeição dos jogos convencionais de sombra e luz, aparecem como traços recorrentes das diferentes orientações abrigadas sob esse rótulo. Inúmeros movimentos e artistas aderem à abstração, que se torna, a partir da década de 1930, um dos eixos centrais da produção artística no século XX. "

Fonte: ABSTRACIONISMO . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo347/abstracionismo>>. Acesso em: 22 de Fev. 2020. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

ARTE NAÏF

" O termo arte naïf aparece no vocabulário artístico, em geral, como sinônimo de arte ingênua, original e/ou instintiva, produzida por autodidatas que não têm formação culta no campo das artes. Nesse sentido, a expressão se confunde frequentemente com arte popular, arte primitiva e art brüt, por tentar descrever modos expressivos autênticos, originários da subjetividade e da imaginação criadora de pessoas estranhas à tradição e ao sistema artístico. A pintura

naïf se caracteriza pela ausência das técnicas usuais de representação (uso científico da perspectiva, formas convencionais de composição e de utilização das cores) e pela visão ingênua do mundo. As cores brilhantes e alegres – fora dos padrões usuais –, a simplificação dos elementos decorativos, o gosto pela descrição minuciosa, a visão idealizada da natureza e a presença de elementos do universo onírico são alguns dos traços considerados típicos dessa modalidade artística.

A história da pintura naïf liga-se ao Salon des Independents [Salão dos Independentes], de 1886, em Paris, com exibição de trabalhos de Henri Rousseau (1844 – 1910), conhecido como "Le Douanier", que se torna o mais célebre dos pintores naïfs. [...] Em 1928, o colecionador e teórico alemão Wilhelm Uhde (1874 – 1947) – um dos descobridores do artista – organiza a primeira exposição de arte naïf em Paris, reunindo obras de Rousseau, Louis Vivin (1861 – 1936), Séraphine de Senlis (1864 – 1942), André Bauchant (1837 – 1938) e Camille Bombois (1883 – 1910). Mais tarde, o Museu de Arte Moderna de Paris dedica uma de suas salas exclusivamente à produção naïf.

No século XX, a arte naïf é reconhecida como uma modalidade artística específica e se desenvolve no mundo todo, sobretudo nos Estados Unidos, na ex-Iugoslávia e no Haiti. [...]

Soluções da arte naïf são incorporadas a diversas tendências da arte moderna, seja pelo simbolismo (em busca da

essência mística das cores), seja pelo pós-impressionismo de Paul Gauguin, que vai para o Taiti em 1891, e faz pesquisas em direção à cultura plástica das chamadas sociedades primitivas, o que se revela no uso de cores vibrantes e na simplificação do desenho como em Ta Ma Tete – Mulheres Taitianas Sentadas num Banco, 1892, e Te Tamari no Atua – Natividade, 1896. [...]

Se em sua origem essa modalidade é definida como aquela realizada por amadores ou autodidatas, o processo de reconhecimento e legitimação obtidos nos circuitos artísticos leva a que muitos pintores, com formação erudita, façam uso de procedimentos caros aos naïfs. Além disso, a arte naïf desenha um circuito próprio e conta com museus e galerias especializados em todo o mundo. No Brasil, especificamente, uma série de artistas aparece diretamente ligada à pintura naïf, como Cardosinho (1861 – 1947), Luís Soares (1875 – 1948), Heitor dos Prazeres (1898 – 1966), José Antônio da Silva (1909 – 1996) e muitos outros. Entre eles, ganham maior notoriedade: Chico da Silva (1910 – 1985) – menção honrosa na 33ª Bienal de Veneza – e Djanira (1914 – 1979). Aluna do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, Djanira completa sua formação com aulas de Emeric Marcier (1916 – 1990) e Milton Dacosta (1915 – 1988), seus hóspedes na Pensão Mauá, no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Nos anos 1950, ela é artista consagrada e uma das lideranças do Salão Preto e Branco. A arte popular do Nordeste brasileiro – as xilogravuras que

acompanham a literatura de cordel e as esculturas de Mestre Vitalino (1909 – 1963) – figura em algumas fontes como exemplos da arte naïf nacional. "

Fonte: ARTE Naïf. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5357/arte-naif>>. Acesso em: 04 de Mar. 2020. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

EXPRESSIONISMO

" O termo expressionismo tem sentido histórico preciso ao designar uma tendência da arte europeia moderna, enraizada em solo alemão, entre 1905 e 1914. A noção, empregada pela primeira vez em 1911 na revista Der Sturm [A Tempestade], mais importante órgão do movimento, marca oposição ao impressionismo francês. À ideia de registro da natureza por meio de sensações visuais imediatas, cara aos impressionistas, o expressionismo contrapõe a expressão que se projeta do artista para a realidade, distante das paisagens luminosas de Claude Monet (1840–1926), ou de uma concepção de arte ligada à mente, e não apenas ao olhar, como quer Paul Cézanne (1839–1906). Para os expressionistas, arte liga-se à ação, muitas vezes violenta, através da qual a imagem é criada, com o auxílio de cores fortes – que rejeitam a verossimilhança – e de formas distorcidas. A afirmação do expressionismo se dá com o grupo Die Brücke [A Ponte], criado em 1905 em Dresden, contemporâneo ao fauvismo francês, no qual se inspira.

Formado por artistas como Ernst Ludwig Kirchner (1880–1938), Karl Schmidt-Rottluff (1884–1976), Erich Heckel (1883–1970), Emil Nolde (1867–1956), Ernst Barlach (1870–1938), entre outros, o grupo define objetivos e procedimentos que ficam, daí por diante, associados ao movimento alemão: o caráter de crítica social da arte; as figuras deformadas, cores contrastantes e pinceladas vigorosas que rejeitam todo tipo de comedimento; a retomada das artes gráficas, especialmente da xilogravura; o interesse pela arte primitiva. Essa poética encontra sua tradução em motivos retirados do cotidiano, nos quais se observam o acento dramático e algumas obsessões temáticas, por exemplo, o sexo e a morte.

A arte expressionista encontra suas fontes no romantismo alemão, em sua problemática do isolamento do homem frente à natureza, assim como na defesa de uma poética sensível à expressão do irracional, dos impulsos e paixões individuais. Combina-se a essa matriz, o pós-impressionismo de Vincent van Gogh (1853–1890) e Paul Gauguin (1848–1903). Do primeiro, destacam-se a intensidade com que cria objetos e cenas, assim como o registro da emoção subjetiva em cores e linhas. Do segundo, um certo achatamento da forma, obtido com o auxílio da suspensão das sombras, o uso de grandes áreas de cor e atenção às culturas primitivas. O imaginário monstruoso do pintor belga Jame Ensor (1860–1949), suas máscaras e anjos decaídos, constitui outra referência importante. Assim como uma releitura

do simbolismo, pelas possibilidades que abre à fantasia e ao universo onírico, embora os expressionistas descartem uma visão transcendente do simbólico e certo espiritualismo que rondam a linguagem simbolista. O pintor norueguês Edvard Munch (1863–1944) é talvez a maior referência do expressionismo alemão.

Fora da Alemanha, manifestações de cunho expressionista aparecem na Bélgica e Holanda nas obras de Constant Permeke (1886–1952), Gustave de Smet (1877–1943), Jan Toorop, H. Werckmann e outros. Na França, trabalhos de Henri Matisse (1869–1954), André Derain (1880–1954), Raoul Dufy (1877–1953), Georges Rouault (1871–1958), Marc Chagall (1887–1985), Chaim Soutine (1893–1943) e outros dialogam, de modos diferentes, com o expressionismo alemão. É possível lembrar ainda os austríacos Egon Schiele (1890–1918) e Oskar Kokoschka (1886–1980), que desenvolvem pesquisas de franca inclinação expressionista, incentivadas pelos estudos psicanalíticos de Freud, na Viena no fim do século. Após os anos 1950, o expressionismo abstrato aparece como principal herdeiro do movimento nos Estados Unidos.

No Brasil, a produção dos anos 1915 e 1916 de Anita Malfatti (1889–1964), em trabalhos como O Japonês, A Estudante Russa e A Boba, são reveladores de seu aprendizado expressionista. Ainda no contexto modernista, é possível lembrar a forte dicção expressionista de parte da obra Lasar Segall (1891–1957) e o

expressionismo sui generis de Oswaldo Goeldi (1895–1961). Mais para frente, com as obras de Flávio de Carvalho (1899–1973), e com as pinturas de Iberê Camargo (1914–1994), percebem-se as possibilidades abertas pela sintaxe expressionista do país. "

Fonte: EXPRESSIONISMO . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3784/expressionismo>>. Acesso em: 24 de Fev. 2020. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

FAUVISMO

" Ao contrário de outras vanguardas que povoam a cena europeia entre fins do século XIX e a 1ª Guerra Mundial, o fauvismo não é uma escola com teorias, manifestos ou programa definido. Para boa parte dos artistas que adere ao novo estilo expressivo – com forte presença na França entre 1905 e 1907 –, o fauvismo representa sobretudo uma fase em suas obras. Falar em vida curta e em organização informal de pintores em torno de questões semelhantes, não significa minimizar as inovações trazidas à luz pelos fauves ('feras'). O grupo, sob a liderança de Henri Matisse (1869–1954), tem como eixo comum a exploração das amplas possibilidades colocadas pela utilização da cor. A liberdade com que usam tons puros, nunca mesclados, manipulando-os arbitrariamente, longe de preocupações com verossimilhança, dá origem a superfícies planas, sem claros-escuros ilusionistas. As pinceladas nítidas constroem espaços que são,

antes de mais nada, zonas lisas, iluminadas pelos vermelhos, azuis e alaranjados. Como afirma Matisse a respeito de A Dança (1910): "para o céu um belo azul, o mais azul dos azuis, e o mesmo vale para o verde da terra, para o vermelhão vibrante dos corpos"1.

Os fauvistas fazem sua primeira aparição pública no Salão de Outono, em Paris, 1905. No ano seguinte, no Salão dos Independentes, o crítico Louis Vauxcelles batiza-os de fauves (feras, em francês) em função da utilização de cores fortes e intensas. O grupo reúne diversos pintores: Albert Marquet (1875–1947), reconhecido como desenhista; André Derain (1880–1954), autor com Matisse de paisagens de Collioure, em 1905; Maurice de Vlaminck (1876–1958), responsável por vibrantes paisagens, construídas, de modo geral, com aplicação de tinta diretamente do tubo sobre a tela; Raoul Dufy (1877–1953), que do impressionismo se converte ao fauvismo por influência de Matisse; Georges Rouault (1871–1958), adepto do novo estilo, embora não faça uso das cores brilhantes em suas prostitutas e palhaços. Gravitam ainda em torno das propostas fauvistas: Georges Braque (1882–1963), Othon Friesz (1879–1949), Henri Charles Manguin (1874–1949), Charles Camoin (1879–1965), Jean Puy (1876–1960), Louis Valtat (1869–1952), Kees van Dongen (1877–1968) etc. [...] O entusiasmo pela arte primitiva, a retomada do neo-impressionismo de Van Gogh e Gauguin e a defesa da arte como expressão de estados psíquicos, de impulsos e paixões individuais – contra

o registro impressionista da natureza por meio de sensações visuais imediatas –, aproxima o fauvismo do expressionismo alemão, organizado no mesmo ano de 1905 no Die Brücke ('A ponte'). [...] Distantes do acento dramático e das figuras distorcidas, caros aos alemães, os pintores franceses elegem a cor, a luz, os cenários decorativos e a expressão da alegria, ao invés da dor e da angústia. Alegria de Viver, de Matisse, 1906, evidencia traços essenciais da atitude estética fauvista. A cena, quase idílica, tematiza a comunhão dos homens com a natureza e o amor, que a liberdade dos corpos nus, o movimento sinuoso das linhas e as cores límpidas expressam. O lirismo da tela e seu feitio decorativo serão explorados pelo pintor, não apenas nas paisagens, mas também nas cenas interiores que realizou. [...]

O advento do cubismo em 1907, com o célebre quadro de Pablo Picasso (1881-1973), Les Femmes d'Alger (O Grande Baía), marca a crise do fauvismo. Se o cubismo partilha com o fauvismo a ideia de que o quadro é uma estrutura autônoma – ele não representa a realidade, mas é uma realidade própria –, as pesquisas cubistas caminham em direção diversa, rumo à construção de espaços por meio de volumes, da decomposição de planos e das colagens. O interesse pela arte primitiva poderia ser considerado outro ponto de contato entre fauvistas e cubistas, mas ele representa, na verdade, mais um afastamento entre os movimentos. Enquanto os fauves, assim como os expressionistas em geral, veem na arte primitiva a expressão de

uma certa condição natural do homem, Picasso recupera as máscaras africanas como formas libertas de qualquer contexto. O cubismo está na raiz da arte abstrata e dos construtivismos de modo geral. Os fauvistas, por sua vez, estão na origem dos movimentos expressionistas europeus, que irão repercutir na arte do anos de 1950 e 1960, a partir do expressionismo abstrato. No Brasil, parece difícil localizar influências especificamente fauvistas embora alguns desses artistas puderam ser vistos na exposição de arte francesa realizada em São Paulo em 1913, no Liceu de Artes e Ofícios. Mais fácil, talvez, pensar em impacto de tendências expressionistas entre nós, por exemplo na produção dos anos 1915-16 de Anita Malfatti (1889-1964) – em trabalhos como O Japonês, A Estudante Russa e A Boba –, na dicção expressionista de parte da obra Lasar Segall (1891-1957), ou ainda em Oswaldo Goeldi (1895-1961). Flávio de Carvalho (1899-1973) e Iberê Camargo (1914-1994) exemplificam novas possibilidades abertas pela sintaxe expressionista entre nós. "

Fonte: FAUVISMO . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3786/fauvismo>>. Acesso em: 24 de Fev. 2020. Verbete da Enciclopédia.

ISBN: 978-85-7979-060-7

Linha do tempo, vida e obra

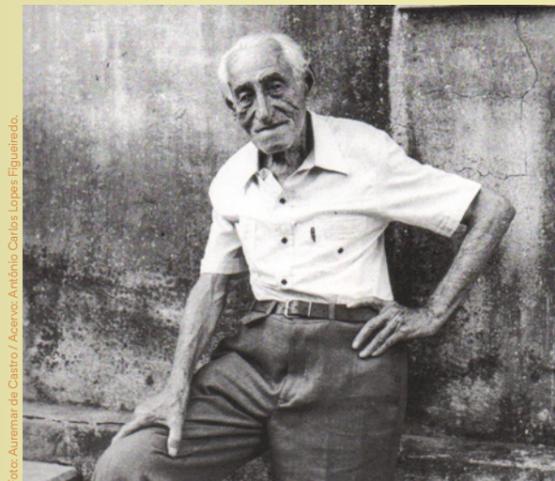


Foto: Auremar de Castro / Agência Antônio Carlos Lopes Figueiredo.

1900—10

Filho de italianos imigrantes, nasce em 1900, em Belo Horizonte Amadeu Luciano Lorenzato. Seu pai, Vitorio Lorenzato, migrou junto a três irmãos na década de 1890, atuando nas frentes de desmatamento em São Paulo. Durante a construção da capital mineira seguiu para Belo Horizonte trabalhando como ajudante de carpinteiro nas construções de imóveis. Sua mãe, Gema Terence Lorenzato, migrou quando criança com a família, trabalhando em plantações de café. Sua família se dirigiu a Belo Horizonte em busca de oportunidades de trabalho na época da sua construção.

Vitorio Lorenzato, recebeu do governo do estado, uma várzea na Colônia Agrícola do Barreiro, região que abastecia Belo Horizonte com produtos agrícolas, produzindo verduras e legumes para mercados e restaurantes. Conheceu sua esposa, Gema, em um desses mercados e em 1900 nasce Amadeu Luciano Lorenzato.

Amadeu ajudou seu pai na horta até ter idade escolar, quando foi morar com avós no centro da cidade, frequentando a Escola Dante Alighieri, onde funcionava a Casa da Itália, grêmio



SEM TÍTULO

Pintura, óleo sobre tela

37,8 x 34,2 cm

s/ data

cultural da comunidade Italiana em Belo Horizonte. Aos finais de semana ia para a casa dos pais na Colônia, caminho que percorria a pé.

1910—20

Na década de 1910 seu pai decidiu não mais trabalhar com a horta e construir uma casa no Barro Preto. Nessa época o bairro concentrava a maior parte da colônia italiana da cidade e Amadeu passou a frequentar o Grupo Escolar Silviano Brandão, onde uma professora primária alertou seu pai ao perceber seu talento artístico, mas devido a necessidade de contribuir no orçamento doméstico Amadeu torna-se pintor de paredes.

Aprende as primeiras noções do ofício com Américo Grande, pintor italiano, no trabalho em sua própria casa. Depois foi assistente do pintor Camilo Caminhas, único empreiteiro de pintura da cidade na época. Nessa época, a pintura parietal, era artesanal e utilizava técnicas industriais recentes, como estuques com motivos florais e geométricos, imitações de mármore e paisagens.

No final da década de 1910, durante crise no setor de construção civil, Lorenzato abandona temporariamente o ofício e passa a trabalhar em uma casa de fazendas por atacado, na antiga praça do mercado, onde hoje é a rodoviária de Belo Horizonte.

1920—26

Em 1920 houve uma epidemia de gripe espanhola em Belo Horizonte. A mãe do artista foi contaminada e aconselhada a sair da cidade pelos médicos. A família então resolve vender seus bens e voltar a Itália. Lorenzato esperou a viagem ansiosamente.

Ao chegar em Arsiero, lugar de origem da sua família paterna, a pequena cidade havia sido bombardeada durante a Primeira Grande Guerra e estava em reconstrução. Com sua experiência em pintura parietal logo conseguiu emprego. Até 1924 trabalho na reconstrução de Arsiero e em 1925 seguiu para Vicenza, onde frequentou escola de artes, a Real Academia de Arte, iniciando seu trabalho de pintura em cavalete.

1926—30

Em 1926, após os estudos na Real Academia, Lorenzato segue sem sua família para Roma à procura de trabalho. Lá conheceu o holandês Cornelius Keesman, pintor e caricaturista, com quem faz amizade. Aos finais de semana saíam para desenhar paisagens em Roma, visitavam igrejas e palácios, e conheciam obras de grandes mestres.

Em 1927 começam a programar viagem pelo leste Europeu, durante um ano planejaram o trajeto que seria realizado em uma bicicleta acoplada a um reboque. Em 1928 iniciaram a viagem,

Voyage d'études à travers l'Europe. Passaram pela Áustria, Checoslováquia, Hungria, Bulgária e Turquia. Se apresentavam como estudantes de arte e pintavam a guache pequenos cartões de paisagens, que ofereciam por onde passavam durante um ano e dois meses. Na Turquia pretendiam seguir para o Oriente, mas Lorenzato com passaporte Italiano, não pode seguir viagem. Se separam então do amigo que continuou rumo a Odessa, e volta a Itália. Logo parte novamente para Bruxelas, na Bélgica, e lá trabalha por um ano na construção civil. Terminado o contrato segue para Paris, também empregado, onde visitava museus, principalmente os dedicados aos pintores impressionistas.

1930—36

Em 1930 morre seu pai, Vitorio Lorenzato, e Amadeu volta para a Itália assumindo os trabalhos no sítio da família. Em 1935, a pedido de uma tia, vai para Montevarchi, perto de Florença ajudar na direção de um restaurante. Lá conheceu Emma Casprini, com quem se casou em seguida. Com a esposa vai morar em Vicenza e depois em Castelnovo, onde em 1936 nasce seu único filho, Lorenzo.

1937—48

Lorenzato, até o início da Segunda Guerra Mundial, permaneceu em Castelnovo. Durante a guerra foi alistado

na brigada civil e começou a trabalhar em fábrica de briquete, um combustível da indústria bélica. Um bombardeio destrói sua casa e ateliê, todos os trabalhos artísticos até essa época foram destruídos.

Mais tarde foi mobilizado para trabalhar em depósito de munição em Hamburgo, na Alemanha e, quando as tropas aliadas se aproximaram da Alemanha, recebeu permissão para deixar o trabalho e voltou para Itália.

Nesse momento conturbado, na iminência de novos conflitos, o governo brasileiro oferece passagens de volta para quem quisesse se repatriar, e Lorenzato decide voltar ao Brasil.

1948—56

Em 1948 desembarca no Brasil, consegue emprego como montador de estandes e durante um ano junta dinheiro para as passagens de sua esposa e filho. Nesse período realiza pinturas e aquarelas da serra de Petrópolis e, em uma das telas desse momento escreveu: “ Amadeu Luciano Lorenzato, pintor autodidata e franco atirador. Não tem escolas. Não segue tendências. Não pertence a Igrejinhas. Pinta conforme lhe dá na telha. Amém.”

Com a chegada da esposa, volta para Belo Horizonte e descobre uma nova cidade, repleta de novas construções.

Entre 1950 e 1955 trabalhou na construção civil e, em 1956, enquanto

realizava pintura externa de apartamentos, sofre uma queda e fratura a perna em vários lugares, se afastando definitivamente do ofício de pintor de paredes.

1956—2004

Precocemente aposentado aos 56 anos, se dedica a pintura artística, intensifica suas andanças pelos bairros populares a procura de temas para pintura. Durante os passeios realizava desenhos e croquis. O cotidiano, seu tema dileto, apresentava as pequenas tarefas do dia-a-dia, que tanto lhe chamavam atenção.

Após as andanças o artista se dedicava ao exercício do ateliê. Preparava sua própria tinta, e aplicava em placas de cimento, telas de arame ou papelão. Finalizava com pentes herdados de sua antiga prática de pintura em paredes.

No início da década de 1960 construiu uma casa no bairro Cabana. Onde hoje é o aglomerado Cabana do Pai Tomás. A configuração da Favela atraiu o artista, que passou a representar o tema da vida na favela com frequência: lavadeiras, roupas estendidas, estradas cercadas de árvores, montanhas e matas.

Até 1964 a obra de Lorenzato ficara circunscrita ao fazer particular, não participava de exposições, mas seu interesse pela arte o fazia frequentar as principais mostras, conhecendo assim o jornalista e crítico de arte Sérgio Maldonado, a quem mostrou seu trabalho e, após esse encontro, participou de suas

primeiras exposições coletivas, Salão Jovem (1965) e Mostra de Fim de Ano (1965). Em 1967 realiza sua primeira exposição individual no Minas Tênis Clube. E passou a integrar diversas mostras e exposições.

Em 1976 realiza individual na Galeria Guignard e no ano seguinte nova individual na Galeria Memória da Cooperativa de Arte, ambas em Belo Horizonte. Na última a preocupação ecológica pode ser percebida em suas obras. Árvores desfolhadas, trancos sem copas ou cortados, labirintos de galhos.

Em 1990 Lorenzato comemorou seus 90 anos de idade com grande mostra individual na Manoel Macedo Galeria de Arte. Durante essa década seu trabalho esteve em várias exposições coletivas.

Em janeiro de 1995, ainda em vida, realiza grande mostra retrospectiva no Museu de Arte da Pampulha em Belo Horizonte. Com curadoria de Paulo Rossi e textos de Cristina Ávila. Nesse ano faleceu em decorrência de uma parada cardíaca.



INSTITUTO USIMINAS

Diretora Executiva

Penélope Portugal

Coordenador de Projetos

Pedro Melo

Analista Desenvolvimento Social

Tereza Cristina D'Amices

Ação Educativa

Cirlene Martins de Almeida

Estagiários

Isadora Carvalho Barbosa

Keislaine Kaila Pereira de Freitas

Laryssa de Oliveira Lerys

Mariana Moreira Faria Antunes Ribeiro

Nathalia Oliveira Murta

Monitores

Thalles Rafael Lopes Gonçalves

Vinicius Ferreira de Souza

Sara de Oliveira Carvalho

Produção

Érico Batista Lima

Jaine Campos Batista

Taisy Cristiny Santos Paiva Silva

Comunicação

Polliane Silva Torres Stokler

Financeiro

Alessandro Carvalho Mazzoco

Stéfany Crislayne Atzori de Souza

Programação

Luciana Sudaria Profiro

Auxiliar Administrativo

Larissa Caroline Domingues

Luana Martins Vieira

Manutenção

Elder Miranda de Castro

Auxiliar de Manutenção

Dyego Cesar Andrade Chaves

Recursos Humanos

Riceli Zanotti Barros

Bilheteira

Wefissilania Kassia Soares

Equipe Técnica

Felipe Marques Damasceno

Walace Oliveira Dias

Marciney Martins de Oliveira

Otaviano Assis Mendes

Jovem Aprendiz

Gabrielle Clere De Souza Lima

Wiley Andrade Oliveira

Limpeza

Estácio Antunes Bino

Maria Aparecida Andrade

Maria Rita Pereira da Silva

LORENZATO - 120 ANOS DE UM ARTISTA E FRANCO ATIRADOR

Concepção

Manoel Macedo

Márcia Renó

Guilherme Machado

Produção

Márcia Renó

Guilherme Machado

Identidade Visual

Márcia Renó

Guilherme Machado

Laudos Técnicos

Raquel Teixeira

Projeto e Material Educativo

Carolina Santana (Malacaxeta)

Douglas Pêgo (Malacaxeta)

Montagem

Ronaldo Bráz



Lei de Incentivo à
CULTURA



patrocínio

USIMINAS U



apoio



correalização

realização

MANOEL
MACEDO
ARTE

Instituto
USIMINAS U

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



